

Janaína Patrícia Rocha de Paula

TRADUÇÃO E TRANSPOSIÇÃO NO CAMPO DA PULSÃO DE MORTE

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2008

Janaína Patrícia Rocha de Paula

TRADUÇÃO E TRANSPOSIÇÃO NO CAMPO DA PULSÃO DE MORTE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2008

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Psicologia: Estudos Psicanalíticos

Dissertação intitulada “Tradução e transposição no campo da pulsão de morte”, de autoria da mestrande Janaína Patrícia Rocha de Paula, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro – FAFICH/UFMG – Orientador

Profª. Dra. Regina Alice Neri – UCAM/Rio de Janeiro

Profª. Dra. Angela Maria Resende Vorcaro – FAFICH/UFMG

Prof. Dr. Cornelis Johannes van Stralen
Coordenador do Programa de Pós Graduação do Departamento de Psicologia
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2008.

Evaldo e Beth

Quando mais cedo escurecia, tanto mais freqüentemente pedíamos as tesouras. Então ficávamos, nós também, horas seguindo com o olhar a agulha, da qual pendia indolente um grosso fio da lã. Pois sem dizê-lo, cada um de nós tomara de suas coisas que pudessem ser forradas – pratos de papel, limpa-penas, capas – e nelas alinhavávamos flores segundo o desenho. E à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia à tentação de me apaixonar pelo reticulado do avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, me aproximava da meta.

(Walter Benjamin)

“foi assim que me trouxeram a casa (...)”

AGRADECIMENTOS

Silvério “quero que, na noite que se avizinha, ele a olhe sem fé, sem mito e sem mente e veja o que estou a ver, com a sua mão na minha _____
um *cubo exposto de cristal*, (...)”

Pedro “fonte pujante, onde nasce a alegria pela alegria”

Nayara e Ianner “uma presença estava naquele lugar, vivia no interior da sua solidão (...) marcava um espaço possuído para sempre (...)”

Joana “encontro-me em face dessa paisagem feminina como criança diante do fogo”

Carolina “ (...) e o amor como partilha do mais difícil”

Flávia “falta-me uma flor branca para compor, com rigor, um ramo lilás”

Bruno Hanke “fechar o texto de outrem não é propriamente falando fechar. É lançá-lo (...)”

Angela Costa “nunca um texto em poema me vem de fora como uma necessidade de construção que não passe pela experiência viva”

Bruno Vasconcelos “o texto, lugar que viaja”

Paulo “reconheço, à posteriori, que o texto me pegou na mão para outro lugar”

Cidléa “cabe-me a mim, agora, enquanto tenho um corpo de viva, encontrar caminho para o drama-poesia”

Jeferson “já que nenhuma vida poderá jamais ser perdida. Vejamos onde nos leva a escrita”

Regina Neri “a cada um por sua conta, risco e alegria, abordar a força, o real que há-de vir ao nosso corpo de afectos”

Jussara “um sopro de vida é leitura”

O silêncio é para os ouvidos o que
a noite é para os olhos

(Quignard, 1999)

RESUMO

Neste trabalho, recuperamos o conceito de pulsão de morte e as argumentações freudianas que nos permitem lê-lo no seu aspecto fora do campo da representação, apontando para o caráter traumático e disruptivo do pulsional. A pulsão de morte é formalizada no livro *Além do princípio de prazer*, e nos parece ser o resultado de um trabalho de tradução operado por Freud, diante da escuta clínica daquilo que excedia aos domínios do princípio do prazer. Freud define a pulsão como uma força “continuamente a fluir”, nos indicando um campo de intensidades que impele à tarefa tradutiva e, no entanto, resiste a que tudo seja traduzido. Diante desse conceito muitos analistas se colocaram a trabalho na tentativa de defini-lo. Tomamos nesta dissertação a leitura empreendida por Laplanche e Lacan indicando que, na tradução operada por esses autores, há um vetor que aponta para o corpo no seu aspecto intensivo. Da mesma maneira que o conceito de pulsão de morte levou ao trabalho os analistas, na tentativa de traduzi-lo, também a pulsão aparece na clínica como aquilo que incita o trabalho de tradução, ao mesmo tempo em que resiste a ele. Diante da resistência da própria pulsão a exigência parece ser de um trabalho *a mais*. Na teoria e na clínica o que resta dessa operação tradutiva é o aspecto de um corpo pulsional que exige um trabalho que passa pela tradução e segue um ponto *além*. É a partir dessas noções que tomamos a escrita de Pascal Quignard, apontando que ela transita entre a tradução e a transposição como uma medida de trabalho exigido pelo campo pulsional. É nesse sentido que a transposição é pensada como esse trabalho *a mais*, que não elimina a intensidade pulsional, mas a escreve num outro registro.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – Pulsão de morte: o além freudiano	
1.1. O conceito psicanalítico	14
1.2. Na trilha da pulsão de morte: o percurso freudiano	17
1.3. Um trabalho e um limite	26
1.4. Além do princípio do prazer	31
1.5. Pulsão de morte: a mais conservadora das pulsões	36
1.6. A intensidade pulsional e o campo das representações	44
CAPÍTULO II – Traduzir o desconhecido	
2.1. Interpretação e tradução	54
2.2. Ponto de tradução	57
2.3. No limite de toda tradução o impossível	68
2.4. E diante do original	79
CAPÍTULO III – Intervalos de tradução	
3.1. Laplanche: traduzir Freud	82
3.2. A eficácia da mensagem e a origem da pulsão	87
3.3. O modelo tradutivo segundo Laplanche e o objeto-fonte da pulsão	97
3.4. O impacto das primeiras inscrições	101
3.5. Efeito de tradução: o retorno operado por Lacan	105
3.6. Variações do termo: no <i>além</i> o corpo	114
3.7. O corpo e sua poética de gozo	125
3.8. Entre Laplanche e Lacan	128
CAPÍTULO IV – Pascal Quignard: o silêncio, o ruído, a palavra na ponta da língua	
4.1. Pascal Quignard	131
4.2. Os ruídos do corpo: o silêncio e a palavra na ponta da língua	132
4.3. Através: palavra esticada	138
4.4. O silêncio da palavra, os ruídos no corpo: sobre isso se constrói uma forma: <i>Le nom sur le bout de la langue</i>	142
4.5. Traduzir e transpor	145
4.6. E então: “vingar-se da voz que o abandonara”	149
	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
BIBLIOGRAFIA	159

INTRODUÇÃO

O “*Além do princípio de prazer* é o texto mais aventuroso de Freud e também o mais clínico sob seu aspecto especulativo” (Pontalis, 1990, p. 34). Tomamos essa citação de Pontalis, retirada de seu livro *A força de atração*, para associá-la ao trabalho desta dissertação. Foi a partir da leitura do texto freudiano e das diferenças produzidas em torno do conceito de pulsão de morte, no campo teórico da psicanálise, que passamos a trabalhar. Tomamos o texto freudiano como o efeito de um trabalho diante de um campo de intensidades pulsionais que forneciam a sua clínica um ritmo, uma cadência estranha, perpassada por ruídos e silêncios. Quer dizer, a partir da escuta clínica o psicanalista foi instigado a avançar por um território insólito, numa aventura especulativa, como tentativa de definir aquilo que excedia os limites de sua então terapêutica. Nesse sentido, o *Além do princípio de prazer* parece ser o efeito do trabalho de tradução diante do que resistia à operação de análise.

Ora, no *Além*, Freud interroga os fundamentos da metapsicologia e a soberania do princípio do prazer nos processos psíquicos. Avançar para *além* do território delimitado pela ação desse princípio, não se configurava como uma tentativa de completá-lo com o que estava excluído, mas de operar com esse aspecto do pulsional que ultrapassava um território definido *a priori*. O trabalho de Freud era o de formular um conceito que pudesse escrever o que aparecia como excedendo aos domínios da interpretação. Na escuta de sua clínica, alguma outra coisa se apresentava resistindo às investidas interpretativas e o incitando à tarefa de traduzir, escrever e, assim, circunscrever essa intensidade a partir de um campo conceitual.

Foi sob essa pena – a pena da escrita freudiana – que o conceito de pulsão de morte foi ganhando importância clínica dentro do campo teórico da Psicanálise. É verdade que os adjetivos que tomamos emprestados para definir esse texto que é, ao mesmo tempo, um efeito de tradução e um provocador de outras traduções, foram, por vezes, utilizados para apontar os desvios e contra-senso do *Além* freudiano. Freud referia-se a sua metapsicologia como a feiticeira, mas ao invés de se proteger dela, esse autor seguia no curso do texto. Diante das formulações a respeito do término de uma análise e da insistência pulsional, da impossibilidade de se livrar dessa exigência e ainda de ter que encontrar saídas menos avassaladoras para o eu, Freud lança a pergunta: “Mas por quais meios esse resultado é obtido?” (FREUD, 1937, p. 241). E, em seguida, responde: “não será fácil achar a resposta. Deve-se dizer a si mesmo: é hora de entrar a feiticeira. Mais precisamente, a feiticeira metapsicologia. Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse: fantasiar – não se dá um passo à frente” (FREUD, 1937, p. 241).

A feiticeira metapsicologia aponta para um fazer diante de um impasse. Um fazer que não está associado à tentativa de eliminar os conflitos do texto, mas ao contrário, trabalhar a partir dos seus efeitos. Como trabalhar esse conceito que é apresentado num primeiro momento como força disruptiva que impele à mudança e, em seguida, como tendência à descarga total visando o retorno ao inanimado senão mantendo a ambigüidade? A tensão que se estabelece entre os textos freudianos a respeito da pulsão, e os que se seguiram a eles na tentativa de traduzi-los, parece ser portadora da própria complexidade desse conceito. Foi sob esses efeitos que, no primeiro capítulo, trabalhamos os textos freudianos que consideramos fundamentais na construção do conceito de pulsão de morte por indicarem esse aspecto não eliminável do pulsional e a sua insistência, revelando um limite do simbólico na tentativa de incluir o que excede os domínios da regulação psíquica. O conceito de pulsão de morte

tornou-se o nosso recurso metodológico, na medida em que nos indicava que diante daquilo que insiste em se apresentar e, ao mesmo tempo, resiste a uma total inclusão na cadeia simbólica, o trabalho é o de traduzir *e* transpor. Desse modo, tomamos o texto freudiano como um lugar de batalha, campo de intensidades, efeito do trabalho de tradução, mas também superfície para o trabalho de outras traduções. Se por um lado o conceito de pulsão de morte incita à tradução aqueles que se enveredam por sua leitura, por outro lado a conjunção ou disjunção dos pólos pulsionais de vida e de morte parece ser o que, na clínica, dá o tom do trabalho analítico. Além disso, pensada a partir desses pólos de intensidades e no seu aspecto silencioso e intrusivo, a pulsão de morte, ao resistir aos domínios significantes, faz exigência de um trabalho a mais. Assim, o nosso trabalho segue ao longo de duas vias: a via teórica e a via clínica, mas sempre atento ao ponto em que uma toca a outra.

No segundo capítulo, tomamos as idéias acerca da tradução poética a partir das referências de Walter Benjamim e Jacques Derrida aproximando-as do trabalho de tradução teórica. Para isso, retomamos do texto freudiano as referências sobre a tradução, sua aproximação com as idéias acerca da interpretação e as distinções entre esses termos. A partir daí, a tradução passou a ser pensada como um combate corpo a corpo entre dois textos, o original e a tradução, na medida em que a tarefa de traduzir implica o encontro com aquilo que não se traduz. O trabalho de traduzir não restitui, não elimina os ruídos, não acomoda as divergências textuais. Do lado da clínica, podemos pensar que esse trabalho não inclui numa narrativa fechada a intensidade pulsional que resta da operação realizada pelo trabalho analítico. Walter Benjamim (1923) define a tradução como uma tarefa que é, desde o início, uma renúncia apontando, justamente, para o ponto em que o intraduzível marca a sua presença. Seguimos nessas idéias para apontarmos as articulações entre tradução *e* transposição.

Tradução e transposição são tratadas como sinônimos. Traduzir é também transpor, nos diz Derrida (2002), entretanto, esse mesmo autor nos revela que a transposição exige a criação de uma forma (um fazer) para deixar viver esse núcleo que resiste à tarefa tradutiva. Nesse sentido, a conjunção *e*, colocada entre os termos, nos oferece a medida da conjunção e da disjunção que existe entre eles. A transposição seria uma exigência *a mais* diante do intraduzível, e a forma exigida pela transposição não se configura a partir de uma síntese, ao contrário, se apresenta como a composição de um mosaico que vibra mais do que explica, mostra mais do que reproduz. Dessa maneira, o trabalho de tradução do conceito manteria esse aspecto do campo pulsional como um campo de forças que irrompe como um corpo estranho e imprime diferentes cadências ao funcionamento psíquico. Um combate de forças que produz diferenças.

É a partir dessas definições que, no terceiro capítulo, tomamos os trabalhos de Laplanche e Lacan como uma exigência diante daquilo que impele outros psicanalistas a se embrenharem na tarefa exigida pelo texto. A tarefa é a de tradução. E a exigência, diante do que resta intraduzível, é a transposição. Foi sobre o texto freudiano que Laplanche e Lacan se detiveram, desmanchando-o, retornando a ele, fazendo-o sofrer na mesma medida em que se deixavam afetar pelos aspectos que nos indicam um excesso irredutível ao campo da representação. É verdade que cada um desses autores segue uma via própria e, por vezes, distinta, para trabalhar o conceito de pulsão de morte. “Pulsão sexual de morte” e “gozo” foram pensadas como formas exigidas pela transposição, no limite em que a tradução parece não mais avançar. O texto laplancheano, *Os novos fundamentos para a psicanálise* (1987), trabalhado nesse capítulo, é a principal referência para articularmos as idéias acerca da sedução generalizada e a pulsão sexual de morte. Do lado dos textos lacanianos, tomamos as referências do *Seminário, livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964),

principalmente as idéias sobre a repetição, e *O Seminário, livro 20 – Mais, ainda* (1972-73) -- com suas referências ao gozo e *lalíngua*. Essas referências nos indicam uma convergência que toca o ponto que nos interessa: o irreduzível pulsional e suas relações com o corpo. Há um resto que resiste à tradução e que marca o corpo como o lugar dos enigmas que foram inscritos numa primeira grafia resistente a todo trabalho de tradução. O fato de a tradução ser uma operação simbólica não nos garante que uma completude simbólica seja atingida ao final da tradução. E, a forma exigida pela transposição nos indica que restam sempre alguns traços que não sofrendo uma metábole completa, são agora transpostos para uma forma que guarda a sua intensidade.

Por fim, no quarto capítulo, trabalhamos algumas obras do escritor francês Pascal Quignard com o cuidado de quem se depara com uma escrita trançada com os fios do silêncio e do vazio. Traduzir e transpor, esse parece ser o trabalho de Quignard diante de uma experiência que inclui o estupor do corpo e o silêncio na ponta da língua. Na verdade, a escrita desse capítulo antecedeu a todos os outros. Foi sob os efeitos da leitura dos textos de Quignard e do primeiro ensaio escrito sobre ele que avançamos no trabalho desta dissertação. Essa leitura nos fez perceber que a presença de uma *poiesis* na sua obra revela o trabalho de transposição em que a forma criada indica a presença do corpo no seu aspecto pulsional e silencioso. O que resta? O que fazer com o que resta da pulsão? O que fazer com o silêncio e com o impossível que se revela depois de todas as tentativas de tradução? Esta é a experiência que Quignard descreve em seus livros *Le nom sur le bout de la langue* (1993) e *Ódio à Música* (1999). Esta é a experiência que nos mostra a exigência de criação de uma forma, de uma escrita, diante de um gozo inapreensível.